

Maria Helena acusa delegado e promotores

Marcelo Alves/AE

Segundo ela, Tuma Júnior pediu R\$ 200 mil, que seriam divididos, para ajudá-la no caso da prisão

CLÁUDIA FONTOURA
MAURO CARVALHO DA SILVA
e RENATO LOMBARDI

A vereadora Maria Helena (PL) acusou o delegado Romeu Tuma Júnior de tentativa de extorsão. A vereadora afirmou que ele teria pedido R\$ 200 mil para tornar afiançável o crime de porte ilegal das armas encontradas em sua casa no Horto Florestal na quarta-feira. "Ele disse: 'olha, eu posso te ajudar, mas tem de ser uma coisa cautelosa por causa dos promotores'."

Segundo a vereadora, o delegado teria dito a ela que "assumisse" apenas três das cinco armas apreendidas. Maria Helena incluiu os promotores Roberto Porto e José Carlos Blat na tentativa de extorsão. "Foi o Tuma que falou que tínhamos de bolar uma história e nisso os promotores participaram", acusou. "Falei que ia dizer que as armas foram deixadas por um irmão que morreu e os três concordaram." Nesse momento, outro delegado teria chegado e eles mudaram de assunto.

"Quem fez o pedido de R\$ 200 mil foi o Tuma, para que eu fosse autuada no artigo que fosse afiançável, porque se tivesse que... ele ainda usou esse termo... se tivesse que entrouxar todas as armas, não poderia ter a fiança", relatou, em entrevista à Rádio Bandeirantes.

Maria Helena contou ainda que estava com a fita com as vozes das ex-assessoras Alessandra Cruz Garcia e Maria Aparecida Nunes e de Fabiano Sá Lima e Tuma a teria orientado a não entregá-la. "Ele falou assim: 'Leva a fita de volta não entrega agora. Você vem às 2 horas e traz o dinheiro, a fita e a agenda da ex-funcionária'." Ela disse que tentou conseguir preparar o flagrante da extorsão. "Só que ele descobriu alguma coisa."

Processo – Tuma Júnior, Porto e Blat classificaram de "absurdas" as declarações da vereadora. "É uma afirmação irresponsável e criminosa que só demonstra a espécie de gente com a qual estamos lidando", disse Blat. "A intenção dela é criar incidentes para que as investigações não prossigam."

Blat disse que vai representar contra a vereadora no Ministério Público por crime de calúnia. Para Porto, "essa é uma tática do crime organizado para prejudicar as investigações". "Ela terá de responder criminalmente por isso."

Tuma afirmou que não ficou surpreso com a acusação. "Eu já esperava por isso em qualquer momento das investiga-



Osecretário da Segurança, Petrelluzzi, na reunião com vereadores: informações limitadas

ções", disse. "É uma maneira de o crime organizado tentar fazer com que promotores e delegados se tornem parte do caso", completou. "Mas vamos continuar as investigações."

O delegado-geral da Polícia Civil, Marco Antônio Desgualdo, considerou a acusação "grotesca". Ele afirmou que se a vereadora não provar suas declarações será processada pela Polícia Civil. "Tuma tem nosso aval e vai continuar apurando as acusações contra ela e outras pessoas."

À tarde, enquanto Maria Helena fazia as acusações, Tuma estava na Secretaria da Segurança com Desgualdo e o secretário Marco Vinício Petrelluzzi. "Realizamos esse encontro semanal para saber como estão as apurações", disse Desgualdo.

FRASQUEIRA
TINHA
R\$ 17 MIL
EM DINHEIRO

Frasqueira – Porto informou ontem que os depoimentos das ex-assessoras mostram consistência com relação à denúncia de que a vereadora

ra Maria Helena recebia propinas do esquema montado na Administração Regional da Freguesia do Ó. Segundo o promotor, Alessandra e Maria Aparecida revelaram que a vereadora guardava o dinheiro da propina numa frasqueira preta em seu guarda-roupa.

Na quarta-feira, quando houve a apreensão na casa da vereadora, foi encontrada a frasqueira que as ex-assessoras tinham indicado. "Nela havia R\$ 17 mil." Em outro compartimento do armário, os policiais acharam R\$ 3,8 mil.

"Não dá para afirmar que esse dinheiro seja mesmo procedente de arrecadação de propinas, mas mostra a idoneidade do depoimento das moças; é um quebra-cabeças que começa a ser montado."

SEMANA AGITADA

26 de julho – A vereadora Maria Helena (PL) apresenta uma fita ao vereador Salim Curiati Junior (PPB) em que três pessoas estariam planejando um atentado contra os dois parlamentares. Os envolvidos seriam o estelionatário Fabiano Sá de Lima e as ex-funcionárias da Câmara Maria Aparecida Nunes e Alessandra Cruz Garcia.

29 de julho – Fabiano Lima, que aparece nas fitas como o suposto autor do esquema, telefona para Salim Curiati Junior e afirma que faria fotos e um vídeo com as pessoas que estariam planejando o atentado.

30 de julho – O vereador presta depoimento sobre os fatos para o delegado Romeu Tuma Junior, que investiga a máfia dos fiscais.

4 de agosto – A polícia faz uma apreensão na casa da vereadora, na zona norte da capital. Maria Helena é presa em flagrante por posse ilegal de armas. A polícia investiga se a vereadora tem participação em toda a história envolvendo ela e o colega Curiati.

ArtEstado